

SEM LIMITES GEOGRÁFICOS: A VITIVINICULTURA NO BRASIL

Sin límites geográficos: la viticultura en Brasil

Without Geographical Limits: Viticulture in Brazil

DOI: <http://doi.org/10.33255/25914669/7274>

ARK CAICYT: <https://id.caicyt.gov.ar/ark:/s25914669/7aede4e>

Eunice Sueli Nodari

<https://orcid.org/0000-0001-5953-649X>

Universidade Federal de Santa Catarina

eunice.nodari@gmail.com

Florianópolis, Santa Catarina

Brasil

Recibido: 04/02/2026

Aprobado: 26/05/2026

Publicado: 11/06/2026

Resumo

Grande parte da vitivinicultura mundial segue um modelo de agricultura predominantemente predatória. A busca por novas tecnologias ou adaptação de outras, para a produção de uvas em manejos sustentáveis, pela redução do impacto ambiental que propiciam e pela aceitação dos consumidores de produtos com essas características. No Brasil, há três vitiviniculturas com características distintas para produção de vinhos finos: tradicional, tropical e de inverno. Os vinhos de inverno, considerados uma nova fronteira da vitivinicultura do país, resultam de avanços científicos e tecnológicos dos últimos 30 anos. Os vinhos de inverno produzidos no Cerrado decorrem do uso de dupla poda, o que leva à maturação da uva a ocorrer no inverno. Em pouco mais de 20 anos, já são mais de 55 vinícolas e 450 hectares de vinhedos, alguns com animais (ex.: galinhas-d'Angola) que se alimentam de insetos, o que reduz o uso de agrotóxicos.

Palavras-chave: Vinho de inverno - dupla poda - animais no vinhedo

Resumen

Gran parte de la viticultura mundial sigue un modelo agrícola predominantemente depredador. La búsqueda de nuevas tecnologías o la adaptación de otras para la producción de uva bajo prácticas de manejo sostenible se debe a la reducción del impacto ambiental que proporcionan y a la aceptación por parte de los consumidores de productos con estas características. En Brasil, existen tres estilos vitivinícolas distintos para la producción de vinos finos: tradicional, tropical y de invierno. Los vinos de invierno, considerados una nueva frontera en la viticultura del país, son el resultado de los avances científicos y tecnológicos de los últimos 30 años. Los vinos de invierno producidos en la región del Cerrado son el resultado del uso de la doble poda, que permite que la uva madure en invierno. En

poco más de 20 años, ya existen más de 55 bodegas y 450 hectáreas de viñedos, algunos con animales (por ejemplo, gallinas de Guinea) que se alimentan de insectos, lo que reduce el uso de pesticidas.

Palabras clave: Vino de invierno - doble poda - animales en el viñedo

Abstract

Much of the world's viticulture follows a predominantly predatory agricultural model. The search for new technologies or adaptation of others, to produce grapes in sustainable management, for the reduction of the environmental impact they provide and for the acceptance of consumers of products with these characteristics. In Brazil, there are three viticultural regions with distinct characteristics to produce fine wines: traditional, tropical and winter. Winter wines, considered a new frontier of the country's viticulture, are the result of scientific and technological advances in the last 30 years. The winter wines produced in the Cerrado result from the use of double pruning, which leads to the maturation of the grapes to occur in winter. In just over 20 years, there are already more than 55 wineries and 450 hectares of vineyards, some with animals (e.g., guinea fowls) that feed on insects, reducing the need for pesticides.

Keywords: Winter wine- double pruning- animals in the vineyard

Introdução

As mudanças climáticas vêm gerando impactos profundos em todas as atividades humanas, inclusive na vitivinicultura¹. Nos últimos anos, áreas vitivinícolas reconhecidas mundialmente vêm sendo atingidas com geadas, granizo, calor extremo, proliferação de fungos e incêndios devastadores. Esses eventos, que ocorreram na França, nos Estados Unidos, na Austrália e no Chile, causaram distintos tipos de danos. No caso do Brasil, as enchentes e enxurradas de 2024, decorrentes de pesadas e persistentes chuvas, causaram danos significativos em boa parte dos vinhedos do Rio Grande do Sul, com perdas irreparáveis (Sollitto, 2024). A frequência e intensidade desses fenômenos, além da alteração de paisagens, têm colocado em evidência a insustentabilidade do sistema agrícola vigente. Grande parte da vitivinicultura mundial segue um modelo de agricultura predominantemente predatória. Esse modelo foca na maximização da produção, baseada na monocultura de variedades geneticamente uniformes e, no caso de regiões quentes e úmidas, como no sul do Brasil, no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Além de comprometer os processos ecológicos nas águas e nos solos do agroecossistemas, se constitui em uma ameaça real a flora e fauna, bem como a saúde humana dos trabalhadores e dos consumidores. Como o setor agrícola contribui com 18 a 25% da emissão de gás de efeito estufa, pode ser afirmado que a vitivinicultura contribui para o aquecimento global e ao mesmo tempo é afetada por ele (Nodari, 2025, p. 310).

Desta forma, os problemas decorrentes do aquecimento global, ligados à degradação ambiental, exigem medidas urgentes para reduzir as emissões de carbono, inclusive no setor

¹ Optamos por usar o termo vitivinicultura nas nossas pesquisas pois é desta forma que estamos trabalhando, pois todo o processo que vai desde o cultivo das videiras (viticultura) até a produção do vinho (vinificação), contemplando aspectos culturais, socioeconômicos e ambientais.

agrícola. O aumento da frequência e da intensidade das ondas de calor em diversas regiões do mundo é um dos sinais mais evidentes desse aquecimento (World Meteorological Organization [WMO], 2025). O debate sobre o aquecimento global e o sistema agrícola predominante na produção de uvas mostra que novas tecnologias voltadas apenas à adaptação a eventos extremos não bastam. É preciso restaurar relações mais harmônicas com o ambiente. No contexto da produção de vinhos, isso implica reconfigurar as práticas vitivinícolas para mitigar os impactos ambientais crescentes. Diversos territórios ao redor do mundo já mostram empreendimentos nessa direção, indicando que os atributos de um 'vinho bom' envolvem não só suas propriedades sensoriais, mas também o modo de produção (Nodari, 2025, p. 310).

A busca por novas tecnologias ou adaptação de outras, para a produção de uvas em manejos sustentáveis, é uma tendência irreversível, pela redução do impacto ambiental que propiciam e pela aceitação de consumidores de produtos com essas características. No presente artigo, que se relacionará às questões mencionadas, discutiremos a vitivinicultura no Brasil, com ênfase na nova fronteira vitivinícola e em suas inovações. Lembrando que, como historiadoras/es ambientais, devemos adotar uma observação menos idealizada e até menos romantizada para realizar uma análise voltada às implicações socioambientais reais (Nodari y Ferri, 2023, p. 199).

Brasil

A história da vitivinicultura no Brasil começa, de fato, no século XIX, com a vinda de imigrantes alemães e italianos, principalmente para o Rio Grande do Sul. Claro que não se pode ignorar que, já no século XVI, houve tentativas dos colonizadores portugueses. Em 1532, a videira foi introduzida por Martim Afonso de Souza. No mesmo ano, Brás Cubas cultivou a videira no litoral de São Paulo, sem sucesso, em parte devido ao protecionismo imposto pela coroa portuguesa, que, em 1789, proibiu o cultivo da videira. (Ferreira y Ferreira, 2016, p. 9). Também houve a introdução da videira por jesuítas espanhóis, que trouxeram variedades de *Vitis vinifera* oriundas de Castela para as Missões Tape, em 1625 e 1635. O padre Roque González de Santa Cruz, S.J., registrou também a existência da vitivinicultura na Missão de São Nicolau em 1626, mas não houve seguimento (Falcade, 2011; Nodari, 2022).

Os vinhedos de uvas americanas (*Vitis labrusca* ou híbridos desta com *V. vinifera*) foram praticamente os únicos até meados do século XX, quando o plantio de variedades de *V. vinifera* aumentou consideravelmente. Durante muito tempo, a vitivinicultura brasileira limitou-se aos estados do Sul e do Sudeste, como atividade típica de clima temperado. Gradativamente no decorrer do século XX a vitivinicultura se expandiu para as regiões tropicais do Brasil, enquanto a área de cultivo de uvas nas zonas temperadas tradicionais aumentou significativamente (Camargo et al., 2011, p.144). Segundo dados publicados pela APEX Brasil (2023), o país conta com mais de 1,1 mil vinícolas.

Comparado com outros países, o Brasil é considerado um dos países com maior diversidade de tipos de vitivinicultura, associados a diferentes condições climáticas (de temperadas a tropicais), solos e manejo da videira, o que resulta em ciclos de produção específicos (Pereira et al., 2020). O Brasil é o único país do mundo onde podem ser observadas três vitiviniculturas distintas (Pereira et al., 2020). Estas três macrorregiões (Figura1) podem ser identificadas da seguinte forma: estão localizadas em coordenadas geográficas diferentes; as condições

climáticas e pedológicas variam, assim como o manejo. Estas três macrorregiões da vitivinicultura são: vitivinicultura tradicional, vitivinicultura tropical e vitivinicultura de inverno. No total foram produzidas em 2024 1.820.104 toneladas de uva, colhidas em 84.380 hectares (IBGE, 2025)

Figura 1 - Tipos de vitivinicultura no Brasil



Fonte: IBGE (2002), adaptado por Pereira (2020)

A seguir será feita uma descrição delas, iniciando pela mais antiga e que até hoje detenta a maior área de produção de vinhos, seguindo uma ordem cronológica de surgimento.

Vitivinicultura Tradicional

Na primeira região, onde se pratica a denominada vitivinicultura tradicional, ela ocorre há mais de um século em climas temperados e subtropicais, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, onde se produzem vinhos e sucos. A videira é podada e as uvas são colhidas uma vez por ano, assim como ocorre nos outros países produtores do mundo, em ambos os Hemisférios Norte e Sul. Normalmente, até o momento, não são necessários a irrigação devido à distribuição das chuvas ao longo dos meses. Os biomas onde ocorre a viticultura tradicional são: a Mata Atlântica, o Pampa e o Cerrado.

Até a década de 1970, a Serra Gaúcha (Rio Grande do Sul) era o único polo brasileiro de vinhos finos. A região está em altitudes entre 400 e 600 metros acima do nível do mar, com solos arenos-argilosos ácidos e pluviosidade elevada (Figura 2). Espumantes e vinhos tintos são os destaques da região. A Serra Gaúcha concentra 59% da produção nacional, e o segundo maior polo produtor de vinhos finos do Brasil é a Campanha Gaúcha, que responde por 31% da produção nacional. (Nodari, 2022).

Figura 2. Vale dos Vinhedos – Serra Gaúcha - RS



Fonte: Fotografia autora, 2013

A partir dos anos 2000, iniciou-se a vitivinicultura de vinhos de altitude no planalto catarinense. Baixas temperaturas, altitude elevada e solos pedregosos e pobres em matéria orgânica caracterizam um *terroir* propício ao cultivo de uvas viníferas, o que resulta em vinhos encorpados. A área geográfica da IP Vinhos de Altitude de Santa Catarina abrange 29 municípios que correspondem a 20% da área do estado (Embrapa, 2021). Os vinhedos estão concentrados em altitudes entre 900 m e 1400 metros acima do nível do mar. A área de vinhedos com variedades de *V. vinifera* desta área geográfica situa-se em torno de 310 hectares. As suas paisagens, muitas vezes, são circundadas por pinheiros (araucárias), como visto na Figura 3.

A região de altitude do Planalto Serrano Catarinense apresenta algumas diferenças com outras regiões tradicionais onde a vitivinicultura se desenvolveu em função da imigração italiana. No Planalto Catarinense ela foi baseada em pesquisas científicas, investimento de empreendedores e apoio técnico especializado (Ferri, 2024, p. 105). Os pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foram as responsáveis pela introdução da espécie *Vitis Vinifera*, que apresentou boa adaptabilidade ao clima das regiões (Ferri *et al.*, 2024)

Figura 3. Vinhedo rodeado pela Floresta com Araucárias na Vinícola Abreu Garcia – Campo Belo do Sul - SC



Fonte: fotografia autora, 2026

Anualmente, as vinícolas e os produtores de uva da IP Vinhos de Altitude, juntamente com o município de São Joaquim, organizam a Vindima de Altitude de Santa Catarina, um dos grandes eventos de enoturismo do estado e da região sul do Brasil. Neste evento, geralmente no mês de março, são apresentados e degustados os novos vinhos produzidos na região, onde o público acompanha e avalia a evolução da qualidade dos vinhos presentes na vindima, que em 2026 se encontra na sua 11ª. Edição. Cada vinícola também tem a sua própria vindima com programações diferenciadas.

Vitivinicultura Tropical

A segunda região de viticultura, dos vinhos tropicais, comparada à tradicional, é mais recente, pois teve início nos anos de 1970. O destaque da localização recai sobre a região do Vale do Submédio São Francisco, de clima tropical semiárido, onde se produzem "vinhos e sucos tropicais". Nestas condições, aliado a distintas práticas de manejo, a videira é podada e as uvas são colhidas duas vezes por ano, podendo ocorrer podas e colheitas em praticamente todos os dias e semanas do ano. Segundo Pereira *et al.* (2020, p. 12), o que difere da tradicional "é o regime térmico e o uso da irrigação ao longo do ano, possibilitando à videira vegetar de forma contínua." O bioma predominante é a Caatinga, sendo uma paisagem bem distinta. O bioma Caatinga é o predominante dessa região e define os elementos da paisagem, caracterizada pela presença abundante de cactáceas e espécies arbóreas adaptadas ao clima quente e seco (Brasil, 2020).

Após esta breve descrição sobre a vitivinicultura tradicional e a tropical, agora será abordada a vitivinicultura de inverno, que também inclui o rompimento das fronteiras da vitivinicultura no Brasil.

Vitivinicultura de Inverno

A terceira macrorregião é a vitivinicultura de inverno. Ela teve início nos anos 2000 no Sudeste e depois se expandiu para o Centro-Oeste e o Nordeste do Brasil. Os "vinhos de inverno" são produzidos em altitudes entre 600 e 1.200 metros. Nessas condições, as videiras são podadas duas vezes por ano: uma de formação e outra na fase de produção. A colheita ocorre no inverno, entre junho e agosto (Pereira et al., 2020).

A vitivinicultura é um cultivo muito sensível às condições climáticas e, por isso, a ocorrência de doenças, a produtividade e a qualidade da uva para vinhos dependem da localização geográfica dos vinhedos. Neste sentido, as regiões de clima quente e úmido, como algumas áreas do sul do Brasil, são consideradas marginais para produção de vinhos finos. No entanto, outras áreas, como as do Centro-Oeste e do Sudeste, que agora cultivam videiras, estão adotando novas práticas de manejo para superar as dificuldades enfrentadas pela região Sul do Brasil (Nodari, 2025, p. 311).

Com as mudanças climáticas prejudicando a produção, a busca por novas regiões produtoras de uvas tornou-se preeminente. Assim, será discutido como foi possível, com pesquisas e tecnologias, plantar vinhedos, colher uvas e produzir vinhos em áreas que, no passado, eram consideradas inviáveis e em períodos bem distintos de colheita, ou seja, a colheita em pleno inverno.

O bioma predominante dessa vitivinicultura é o Cerrado, caracterizado pela presença de vegetação adaptada à restrição hídrica nos meses secos, com arbustos e árvores de galhos retorcidos e casca grossa.

A técnica da dupla poda foi estabelecida e desenvolvida pelo Programa Estadual de Pesquisa Vitivinícola da Empresa Mineira de Pesquisa Agropecuária (EPAMIG). De acordo com a Agência Minas, esta prática começou a ser testada no início da década de 2000, quando o então pesquisador da empresa, Murillo de Albuquerque Regina, retornou de doutorado na França, onde avaliou que as condições necessárias à produção de uvas sadias e aptas à obtenção de vinhos finos eram bastante semelhantes às características do inverno na região cafeeira do Sul de Minas. Entre os meses de maio e agosto, temos, no Sul de Minas, o clima ideal para a produção de qualidade, caracterizado pela combinação de dias ensolarados, noites frias e solo seco", explica Murillo, vitivicultor (Agência Minas, 2021). Os primeiros vinhos obtidos pela dupla poda chegaram ao mercado em 2004 em Minas Gerais. E desde então a prática tem se expandido em outras regiões com características semelhantes: amplitude térmica, altitude e pouca precipitação no inverno.

Importante discutirmos no que consiste a dupla poda para compreensão do processo da dupla poda ou poda invertida. A vitivinicultura caracteriza-se por apresentar dois ciclos vitícolas e uma colheita por ano. É conhecida como técnica de dupla poda ou de poda invertida, em que as videiras são podadas em agosto, como ocorre na vitivinicultura tradicional, sendo

realizada uma poda curta de formação de ramos, deixando nas plantas apenas esporões com uma gema. Posteriormente, uma segunda poda é realizada em janeiro-fevereiro, constituindo a poda de produção, na qual também se aplica cianamida hidrogenada para quebrar a dormência das gemas e iniciar uma nova parte aérea, garantindo a uniformidade da produção (Pereira, *et al.*, 2020, p.16). Desta forma a colheita das uvas ocorre entre junho e agosto, em pleno inverno, dependendo da variedade (precoce, intermediárias ou tardias). A combinação de altitude elevada e da época do ano (inverno) permite amadurecer e colher uvas em períodos de seca, com pouca ou nenhuma chuva. Neste período de colheita, as temperaturas variam entre 4 e 8 °C para as mínimas ao amanhecer e entre 22 e 26 °C durante a tarde, para as máximas. Em termos gerais, os vinhos são mais concentrados, mais ricos e de cor mais profunda do que os vinhos tintos da colheita de verão (Pereira, *et al.*, 2020, p.16).

Atualmente, segundo a Associação Nacional de Produtores de Vinho de Inverno (ANPROVIN), a área de cultivo de vinhedos de associados está em 450 hectares, com 6 regiões produtoras: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Goiás e Bahia (Anprovin, 2025). O selo de Vinho de Inverno é de uso exclusivo dos associados da Anprovin, segundo o seu estatuto, pois a Marca Coletiva 'Vinho de Inverno' tem o propósito de exaltar as características de produção e elaboração e evidenciar as qualidades dos vinhos produzidos a partir desta técnica de dupla poda (Anprovin, 2019). Segundo a associação, atualmente tem mais de 50 associados que estão produzindo (Anprovin, 2025).

Figura 4. Vinícola Brasília - DF



Fonte: Foto autora, 2025

A nossa pesquisa envolvendo a história ambiental sobre os vinhos de inverno ainda se encontra em andamento. Até o momento foram realizadas pesquisas de campo na Vinícola Brasília, no Distrito Federal e a Vinícola Assunção no estado de Goiás. Cabe destacar a produção de vinhos de inverno em Brasília, algo que, em décadas anteriores, era considerado inconcebível, assim como praticamente em todo o Cerrado.

Atualmente, há 8 vinícolas que produzem vinho de inverno. A visita à Vinícola Brasília, que, na entrada, chama a atenção pelo estilo do prédio (Figura 4) e pela presença de vinhedos em crescimento ao lado da rodovia.

A Vinícola Brasília foi inaugurada em abril de 2024 e é fruto da união de 10 famílias produtoras de uvas finas da região. Ronaldo Triacca e muitos dos novos viticultores pertencem a famílias descendentes de imigrantes europeus que migraram do sul do Brasil para Brasília a partir dos anos 1970, com o objetivo de explorar a agricultura no Distrito Federal. Era a promessa de um polo agrícola no Cerrado que vingou, inicialmente voltado à cultura de grãos, cereais e soja. O PAD-DF (Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal) foi fundado em 1976 e atraiu muitas famílias do Sul. Segundo Triacca, um dos sócios, "Cada produtor tem o seu vinhedo e sua marca própria. Cada um dos sócios tem de cinco a seis rótulos e estão debaixo desse guarda-chuva maior, que é a Vinícola Brasília, que tem outros oito rótulos próprios" (Embrapa, 2025, pag. 10). Ao todo, são cerca de 60 hectares cultivados, com uma produção média de 500 toneladas de uva. A capacidade atual de vinificação da Vinícola Brasília é de 400 mil litros por ano (Cenci, 2025).

Além da visita na Vinícola Brasília, no Distrito Federal, também fomos realizar uma pesquisa de campo na Vinícola Assunção, localizada em Pirenópolis, no Estado de Goiás. É uma vinícola familiar fundada por Washington Luís Assunção, gerenciada por sua filha Natália Silva Assunção de Paula, psicóloga, e seu genro Guilherme Dias de Paula, que é engenheiro agrônomo, responsável pelos vinhedos. É relevante mencionar que grande parte da história da Vinícola foi contada para nós pelo engenheiro agrônomo Guilherme, que nos levou para conhecer todos os vinhedos, tanto das uvas viníferas quanto das de mesa, sendo que estas últimas são a principal atração para o enoturismo (Figura 5).

O casal Natália e Guilherme compartilham a paixão pela vitivinicultura. Em reportagem realizada por Cilas Gontijo, Natália historiciza que, seu pai, maranhense de nascimento, viveu em Goiânia por mais de 30 anos e resolveu sair da capital, indo para a vida no campo. Assim, em 2015, iniciou a plantação de uvas de mesa, e em 2018, foi iniciada a plantação de uvas viníferas. Guilherme lembra que a primeira safra com vinho de inverno foi em 2020 (Gontijo, 2024). Também verificamos que os vinhedos são 100% irrigados, garantindo desta forma uma uniformidade nas uvas. Os vinhos e sucos são produzidos na própria vinícola e também prestam serviços para outros produtores. A empresa é considerada uma das maiores em termos de produção de uvas em Pirenópolis. Em nossa pesquisa de campo observamos que a Vinícola Assunção tem vinhedos de uvas viníferas, sendo estas conduzidas no sistema em espaldeiras² e uvas de mesa ou denominadas de americanas (*V. labrusca* e híbridos) no modelo latada (ou

² A escolha entre espaldeira (vertical) e latada (horizontal/pérgola) depende do objetivo: a espaldeira é ideal para vinhos finos de alta qualidade, facilitando a mecanização e a aeração. A latada é indicada para uvas de mesa ou suco, permitindo maior produtividade e vigor da planta, comum no Brasil.

pérgula), sendo que estas últimas ocupam 6 hectares e meio. O enoturismo é muito forte com visitas guiadas e um restaurante com pratos típicos combinando a comida italiana com a goiana. Adicionalmente, os frequentadores da Vinícola podem colher e degustar uvas, principalmente das variedades americanas Niágara e Isabel, durante um período de aproximadamente seis meses, em decorrência das práticas de manejo e de duplas podas feitas em épocas diferentes, para alongar a oferta de uva in natura.

Figura 5. Vinícola Assunção em Pirenópolis –GO (Vinhos de Inverno)



Fonte: fotografia autora, 2024

Presença de animais nos vinhedos

A sustentabilidade na vitivinicultura depende de um conjunto de práticas e toma várias formas: o que, para muitos, pode ser entendido como prejudicial, para outros é de muita importância. Uma delas refere-se ao uso de animais, sejam domesticados ou silvestres, nos vinhedos. Sem dúvida, existem os que danificam, enquanto outros são parceiros da vitivinicultura. Ovelhas, gansos, galinhas, porcos e outros animais permanecem perto dos vinhedos e auxiliam na redução de agrotóxicos, uma vez que se alimentam de insetos e outras pragas ou plantas invasoras, contribuindo para o controle destas.

Patos, galinhas, galos, galinhas d'angola e gansos são considerados bons parceiros dos vinhedos, na maior parte do tempo (Grizzo, 2023). O papel desses animais é de ajudar na eliminação de insetos e outras pragas que estão na base das videiras e podem ser prejudiciais para as uvas. Guilherme Dias de Paula da Vinícola Assunção em Pirenópolis, reforçou a importância da Galinha D'Angola, pois as mesmas, além de comerem os insetos e outras pragas, também alertam a presença de cobras (Figura 5).

Figura 6. Galinhas D'Angola na Vinícola Assunção em Pirenópolis – GO.



Fonte: fotografia autora, 2024

A existência de animais não domesticados e que convivem com os vinhedos é destacada por Ferrari (2022), referindo-se à Vinícola Abreu Garcia. Até agora já foram fotografados diversos animais, entre eles o Bugio, o Tatu, a Lebre, o Graxaim e o Veado Virá (Figura 6), que ainda é foco de caçadores na região.

Figura 7. Veado Virá na Vinícola Abreu Garcia – Campo Belo do Sul – SC



Fonte: Leonardo Ferrari, 2026

A partir das fotos já registradas, é possível perceber que os animais convivem muito bem com a plantação de uvas viníferas (Figura 8). O manuseio dos vinhedos não interferiu na vida dessas espécies. A presença de animais selvagens convivendo de forma harmônica nos vinhedos é um verdadeiro bioindicador que corrobora com o manejo sustentável, que sempre foi preocupação aqui na vinícola (Ferrari, 2022).

Figura 8. Veado Virá entre as parreiras da Vinícola Abreu Garcia – Campo Belo do Sul - SC



Fonte: Leonardo Ferrari, 2022

Considerações Finais

O Brasil, em razão de sua riqueza de biomas e ecossistemas tem a possibilidade de utilizar diferentes estratégias e sistemas de cultivo e manejo para a produção de uvas de mesa e uvas para vinhos finos. No artigo foram apresentadas as distintas características das três vitiviniculturas e os resultados que estão sendo obtidos.

Contudo, não pode ser ignorado que o uso intensivo de agroquímicos, como fertilizantes e agrotóxicos, continua sendo o principal problema da vitivinicultura brasileira. Em climas quentes e úmidos, como é o caso do Sul do Brasil, a tentativa de controle das doenças em variedades de variedades de videiras da espécie *Vitis vinifera*, que são suscetíveis a praticamente todas as doenças, é feita com o uso de pulverizações de fungicidas, tanto preventivamente, como a partir dos sintomas das doenças em desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento de variedades resistentes ou parcialmente resistentes, se constitui em uma necessidade. Entre as opções implementadas as variedades resistentes a fungos, denominadas piwi (Pilzwiderstandsfähig = "resistente a fungos"), oferecem uma alternativa promissora. Elas são resultado do cruzamento entre variedades da espécie *V. vinifera*, geralmente chamadas de europeias, e espécies norte-americanas ou asiáticas, como *V. riparia*, *V. amurensis* e *V. rupestris*, que possuem genes de resistência a doenças fúngicas.

A vitivinicultura de inverno ainda é muito recente e se encontra em expansão. Mas, sem dúvida, os vinhos de inverno, estão abrindo novas fronteiras para o vinho no Brasil e

conquistando seus espaços em áreas que, muitas vezes, eram dedicadas ao plantio de café, e hoje despontam com grande força, ganhando prêmios nacionais e internacionais. Da mesma forma, a uva de variedades americanas para consumo *in natura* também se constitui em um mercado crescente, como também fonte de renda para as vinícolas produtoras de vinho de uvas viníferas.

Agradecimentos

A autora agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa Produtividade em Pesquisa concedida ao Projeto Superando desafios ambientais: a história da vitivinicultura nas Américas.

Referências

- Agência Minas Gerais. (2021, 29 setembro). *Técnica de dupla poda adaptada pela Epamig consolida novo polo de produção de vinhos*. <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/tecnica-de-dupla-poda-adaptada-pela-epamig-consolida-novo-polo-de-producao-de-vinhos>
- ApexBrasil. (2023). *Vinhos do Brasil*. <https://apexbrasil.com.br>
- Associação Nacional de Produtores de Vinhos de Inverno (Anprovin). (2019). *Caderno de normas e regulamento de uso da marca coletiva Vinho de Inverno*. https://anprovin.com.br/wp-content/uploads/2022/04/Anprovin_regulamento-de-Uso-de-Marca-Coletiva-INPI.pdf
- Associação Nacional de Produtores de Vinhos de Inverno (Anprovin). (2025). *Confirma a lista das vinícolas associadas à Anprovin; setor segue em expansão*. <https://anprovin.com.br/confirma-a-lista-das-vinicolas-associadas-a-anprovin-setor-segue-em-expansao/>
- Brasil. Ministério do Meio Ambiente. (2020). *Biomás*. <https://www.mma.gov.br/biomas>
- Camargo, U. A., Tonietto, J., & Hoffmann, A. (2011). Progressos na viticultura brasileira. *Revista Brasileira de Fruticultura*, 33(spe1), 144–149. <https://doi.org/10.1590/S0100-29452011000500017>
- Cenci, C. (2025, 10 julho). *Dupla poda em vinhedos impulsiona o DF como polo de vinhos de inverno*. <https://camilacenci.com.br/blog/dupla-poda-em-vinhedos-impulsiona-o-df-como-polo-de-vinhos-de-inverno.html>
- Embrapa. (2021, 19 julho). *Vinhos de altitude de Santa Catarina: Nova indicação geográfica na região mais fria do Brasil*. <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/63617903/vinhos-de-altitude-de-santa-catarina-nova-indicacao-geografica-na-regiao-mais-fria-do-brasil>
- Embrapa. (2025, 3 julho). *Dupla poda em vinhedos impulsiona o DF como polo de vinhos de inverno*. <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/101611902/dupla-poda-em-vinhedos-impulsiona-o-df-como-polo-de-vinhos-de-inverno>
- Falcade, I. (2011). *A paisagem como representação espacial: A paisagem vitícola como símbolo da indicação de procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo do Sul (Brasil)* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Ferrari, L. (2022, 3 novembro). Entrevista concedida a Eunice Sueli Nodari, Campo Belo do Sul, SC. Acervo da autora.
- Ferreira, V. C., & Ferreira, M. de M. (Coords.). (2016). *Vinhos do Brasil: Do passado para o futuro*. FGV.

Nodari, E. S. "Sem limites geográficos: a vitivinicultura no Brasil"

- Ferri, G. K. (2024). *Variedades PIWI: A vitivinicultura no Planalto de Santa Catarina (Brasil) e as pesquisas de melhoramento genético de videiras sob a perspectiva da história ambiental global* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Ferri, G. K., Nodari, E. S., Velasco, J. M., Terreri, L. C. G., & Tavares, P. (2024). *Vitivinicultura serrana: O despontar de um terroir de oportunidades para Santa Catarina*. Oikos.
- Gontijo, C. (2024, 30 junho). *Cerrado goiano produz vinhos premiados; confira*. *Jornal Opção*.
<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/cerrado-goiano-produz-vinhos-premiados-confira-616644>
- Grizzo, A. (2023). *Animais no vinhedo não é só uma questão biodinâmica*. *Revista Adega*.
https://revistaadega.uol.com.br/artigo/animais-no-vinhedo-nao-e-so-uma-questao-biodinamica_13088.html
- IBGE. (2025). *Produção Agrícola Municipal: Culturas temporárias e permanentes 2024*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html>
- Nodari, E. S. (2022). Conflicts between neighbors: Viticulturists and soybean farmers at the Pampa biome – RS, Brazil. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 11(3), 9–21.
<https://doi.org/10.21664/2238-8869.2022v11i3.p9-21>
- Nodari, E. S. (2025). A sustentabilidade socioambiental da vitivinicultura: O Sul do Brasil como estudo de caso. Em E. S. Nodari, F. Rojas, J. M. Cerdá, & S. P. Moretto (Orgs.), *História ambiental da vitivinicultura americana: Cinco séculos de territórios e natureza em torno do vinho* (pp. 309–322). Oikos.
- Nodari, E. S., & Ferri, G. K. (2023). Práticas de sustentabilidade na vitivinicultura no Sul do Brasil. *Cadernos do CEOM*, 36(59), 198–210. <https://doi.org/10.22562/2023.59.12>
- Pereira, G. E., Tonietto, J., Zanus, M. C., Santos, H. P. dos, Protas, J. F. da S., & Mello, L. M. R. de. (2020). *Vinhos no Brasil: Contrastes na geografia e no manejo das videiras nas três viticulturas do país*. Embrapa Uva e Vinho.
<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1128174>
- Sollitto, A. (2024, 6 maio). *Chuvas destroem vinhedos do RS, maior produtor de vinhos do Brasil*. *Veja*.
<https://veja.abril.com.br/comportamento/chuvas-destroem-vinhedos-do-rs-maior-produtor-de-vinhos-do-brasil/>
- World Meteorological Organization. (2025). *State of the global climate 2024* (WMO-No. 1368).
<https://wmo.int/publication-series/state-of-global-climate/state-of-global-climate-2024>